

Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual

Samira Cristina Silva Pereira¹

Sérgio Procópio Carmona Mendes²

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a etnografia virtual como uma opção válida de pesquisa, sem desprezar a etnografia nos seus moldes clássicos. A sociedade conectada por uma rede mundial de computadores passa por uma reconfiguração. Assim, busca-se expor, a partir de uma revisão bibliográfica, tais transformações. A etnografia virtual entra em cena com suas inovações metodológicas, sendo, dessa forma, moldada para as necessidades do novo campo *online*. Ao estabelecer novas relações entre o pesquisador e os interlocutores e entre o pesquisador e o campo de pesquisa escolhido, este estudo faz-se necessário devido às lacunas dentro da literatura acerca da etnografia virtual, pouco explorada e que ainda enfrenta considerável resistência às inovações dos métodos da etnografia. Dessa forma, é indispensável compreender e conhecer melhor o método da etnografia virtual, pois, uma vez que vivemos imersos na tecnologia de comunicação mediada por computadores, os artefatos digitais ganham cada vez mais espaço na produção cultural e nas interações sociais, que passam a ocorrer pela mediação de máquinas em formatos digitais.

Palavras-chave: Tecnologia. Etnografia. Etnografia virtual. Antropologia. Método.

1 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Atualmente mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). cv Lattes: lattes.cnpq.br/3450683107337235. E-mail: samiracsp@outlook.com.

2 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). cv Lattes: lattes.cnpq.br/4662751365319253. E-mail: serpcm@gmail.com.

A debate about the online field and virtual ethnography

Abstract: The aim of this article is to present virtual ethnography as a valid option of research without neglecting the methods of ethnography along their classical lines. Connected in a worldwide computer network, society is currently undergoing a deep reconfiguration. The paper offers a bibliographical outline of the ongoing transformations in the domain of virtual ethnography and its methodological innovations. In establishing new relationships between scholars and their interlocutors, between researchers and their research fields, this study aims at closing some of the gaps in the literature concerning virtual ethnography, a field of research so far little explored and still facing considerable resistance to methodological innovation. The paper also aims at contributing to a better understanding of the method of virtual ethnography in a world immersed in computer-mediated communication technology, with digital artifacts gaining more and more space in cultural production and social interaction conducted more and more through the mediation of machines in digital formats.

Keywords: Technology. Ethnography. Virtual ethnography. Anthropology. Method.

A maneira como percebemos o mundo vem se alterando devido às transformações proporcionadas pelos novos recursos tecnológicos. A partir de tais transformações, emerge a Sociedade da Informação, na qual estamos inseridos. Conforme Manuel Castells (1999), a tecnologia da informação se tornou uma ferramenta indispensável para a construção do conhecimento e também a transmissão de informação se torna a principal fonte de poder. O cenário social passa a ser alterado devido a que a tecnologia de informação passa a remodelar as bases da sociedade, impondo um ritmo acelerado de transformações. Abrem-se a partir daí portas para novas maneiras de se relacionar com o outro. Logo, abrem-se infinitas possibilidades de receber e gerar informação, que eram anteriormente inimagináveis. Para Paula Sabilia (2008), nossa sociedade está passando por uma época limítrofe, o que acarreta uma ruptura que atinge diversos âmbitos – políticos, socioculturais e econômicos – rumo a novos horizontes.

Tendo isso em vista, é possível destacar novas práticas, de acordo com a autora (ibid.). Elas ocorrem devido aos textos em formato eletrônico, lidos ou escritos, que correspondem a novas formas de diálogo digitado. Outras vezes, as interações se dão por meio de imagens fixas ou em movimento. Inauguram-se, assim, novos hábitos e novas vivências para leitores e para autores. A partir disso, despertou-se o interesse em compreender como tais mudanças impactam a metodologia de pesquisa no campo das ciências sociais, especificamente o método utilizado na Antropologia, a etnografia.

Convém destacar o posicionamento de Bernhard Rieder e Theo Röhle (2012), em seu trabalho *Digital Methods: Five Challenges*. Nele, os autores abordam o uso de computadores em pesquisas das ciências humanas, sendo possível ressaltar que os artefatos digitais ganham cada vez mais espaço na produção cultural e também nas interações sociais, que passam a ocorrer pela mediação de máquinas em formatos digitais. De acordo com os autores, é possível destacar como exemplo o surgimento de formulários digitais, *e-books*, softwares, entre outros, que alavancaram as pesquisas por meio de tais aparatos tecnológicos. Além disso, a cada dia a quantidade de material, informações e dados armazenados nas redes virtuais se amplia. É fundamental repensar a maneira de lidarmos com a análise desse volume de informações.

Diante dessa abundância de material empírico, os pesquisadores estão cada vez mais voltando-se para métodos automatizados de análise, a fim de explorar esses artefatos e as realidades humanas com as quais estão entrelaçadas. [...] As ferramentas são promissoras: são capazes de processar corpora muito maiores do que seria possível fazer manualmente; eles fornecem a capacidade de integrar perfeitamente zoom de micro para macro e sugerimos que podemos reconciliar a amplitude e profundidade de análise; eles podem ajudar a revelar padrões e estruturas que são impossíveis de discernir a olho nu. (RIEDER; RÖHLE, 2012, p. 67)

Introduzidas tais mudanças, o contexto e as transformações da sociedade contemporânea, o próximo passo será ressaltar o conceito de método. Esse conceito é destacado por Bernhard Rieder e Theo Röhle (2012) que, ao realizarem uma busca em um dicionário, conferem a ela o significado de método, que corresponde à busca pelo conhecimento ou modo de investigação. Dessa maneira, os autores afirmam que o método é uma busca ordenada e sistemática pelo conhecimento por meio de um processo de investigação. Ademais, o método está diretamente relacionado aos objetivos específicos do pesquisador, que acarretam decisões específicas e levam a descobertas conforme o problema proposto. Alguns exemplos de métodos nas ciências sociais são: observação participante, técnicas de regressão estatística, análise semiótica, entre outros.

Rieder e Röhle (2012) comparam o método com uma receita ou até mesmo com uma planta de um prédio ou casa. Tendo em vista que o método guia a pesquisa, a fim de compartilhar experiências na construção do conhecimento, o método também estabelece pontos de referência fornecendo um norte para o pesquisador, orientando-o nos caminhos por ele escolhidos. É neste momento que os aparatos e tecnologias digitais entram em cena como ferramentas ou campo para pesquisa.

Com o advento das novas mídias sociais, é necessário lançar um olhar antropológico sobre os impactos e efeitos que elas têm na relação dos sujeitos com seus aparatos digitais. Para tanto, faz-se necessário compreender o debate sobre o método, suas transformações nas últimas décadas e a distinção entre a etnografia clássica e o novo tipo de etnografia empregado para efetivar as análises destes novos fenômenos, ou seja, é preciso evidenciar a discussão sobre etnografia virtual, também chamada etnografia digital, e sobre como essa técnica de pesquisa é utilizada para coleta de dados no ciberespaço.

Em um primeiro momento convém olhar para a Antropologia clássica, ao buscar compreender o método etnográfico nos moldes de Malinowski (1884-1942), responsável por consagrar a técnica da observação participante. Essa técnica é citada por antropólogos ainda nos dias de hoje, que o consideram como referência, utilizando sua obra como manual

para pesquisa de campo. Em um segundo momento, foi feito um mapeamento de artigos que discutem a etnografia virtual, que é uma inovação dos métodos tradicionais da etnografia, devido às transformações citadas acima. O campo do antropólogo passa ser o ciberespaço, que é o cenário para interação dos grupos. Sendo assim, faz-se necessário compreender as adaptações que ocorreram no método clássico, e as possibilidades de se explorar a etnografia em um campo virtual.

Por fim, o intuito deste trabalho é ressaltar a importância de apreender o método da etnografia virtual, tendo em vista as mudanças que ocorreram na Sociedade da Informação e na urgência de se olhar para fenômenos no ambiente *online* e as reconfigurações sociais realizadas pelas redes e mídias sociais. As mídias sociais se referem à postagem de arquivos e informações do usuário, sem gerar relacionamento direto, e priorizam a velocidade e o dinamismo das interações, com diversos conteúdos; já as redes sociais correspondem a espaços virtuais que constroem laços estruturados a partir das conexões virtuais proporcionadas pela Internet (GASQUE, 2016). É importante compreender quais os processos de relacionamento dos sujeitos no ciberespaço, portanto, convém apontar as vantagens e desvantagens da etnografia virtual como ferramenta para investigar as novas relações que vêm sendo estabelecidas nas redes.

O método etnográfico

De início, faz-se necessário apresentar as principais características do método etnográfico. A etnografia consiste, portanto, em um conjunto de técnicas e práticas por meio das quais se opera a coleta de dados em um determinado campo, ou seja, o grupo social escolhido pelo pesquisador, o antropólogo.

A etapa introdutória corresponde à escolha do tema e do objeto pelo pesquisador, que necessita ter conhecimento prévio sobre a temática para recortar a problemática central a ser pesquisada. Desse modo, é preciso recorrer ao aporte teórico que será mobilizado, pois não se trata de um mero olhar para o outro, mas de diversas etapas construídas gradualmente a fim de apreender o fenômeno investigado.

Segundo Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2008), a etnografia corresponde a demandas científicas que ocasionam a produção de dados e conhecimentos antropológicos por meio da interação entre sujeito e pesquisador, assim propondo observação direta ou indireta por meio de conversas informais ou formais, que podem ocorrer também em entrevistas semiestruturadas ou não. Tais variações podem ocorrer devido aos interlocutores e ao campo escolhido pelo pesquisador.

Além da observação e das entrevistas, esse método é composto de diversas etapas que exigem um esforço do pesquisador de se abster previamente de juízos de valor, para tentar compreender as práticas e ritos de uma cultura específica sem julgamentos. De acordo com Magnani (2009), o primeiro desses esforços corresponde ao estranhamento ou exterioridade do pesquisador para com o objeto. O autor ainda destaca que, nessa etapa da pesquisa, o pesquisador adentra o universo dos interlocutores ao compreender sua visão de mundo por meio de uma relação de troca estabelecida em campo.

Magnani, além disso, observa que o pesquisador deve procurar pistas para formular suas teorias ou compará-las. Dessa maneira, por meio de “*insights*” que produzem o conhecimento, com um trabalho paciente e contínuo no qual a observação perspicaz resulta em novas percepções. Convém diferenciar “experiência etnográfica” de “prática etnográfica”: segundo Magnani (2009), a primeira corresponde a algo programado e contínuo, e a segunda corresponde à descontinuidade e é imprevista.

Posterior à coleta de dados em campo, o pesquisador começa a etapa da transcrição em forma de monografia, que consiste em estruturar e compartilhar o conhecimento acumulado durante os atos interativos com o outro. Essa construção se dá pela estruturação dos dados observados, da revisão bibliográfica de pesquisas sobre a temática, do grupo selecionado, das análises de discursos e das entrevistas. Em alguns casos, documentos históricos ou estudo de imagens, entre outros recursos, podem ser utilizados para a produção de dados empíricos e coletados. Rocha e Eckert (2008) observam que o ato de escrita etnográfica corresponde a “recriar” tais formas culturais que foram observadas, por meio de uma estrutura textual narrativa.

Compreendido o que é o método e os passos que o pesquisador deve seguir, cabe, portanto, discutir as premissas dos clássicos da Antropologia, visto que o fazer etnográfico é pautado na tradição. Dentre os fundadores, destaca-se o antropólogo Bronislaw Malinowski, considerado um dos pilares da disciplina de Antropologia. Ao inaugurar os fundamentos do método etnográfico, que viriam a servir de aporte para posteriores trabalhos antropológicos, Malinowski é considerado o fundador da Antropologia Social e da Escola Funcionalista. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2014), a escola Funcionalista é uma vertente de pesquisa em antropologia que propõe explicar os fenômenos sociais por meio de suas funções, nas quais cada elemento cultural poderia ser destinado a cumprir determinada função dentro da estrutura social. Como fundador dessa

escola, Malinowski, em sua obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” (1978), explica como foi desenvolvido seu trabalho de campo, fornecendo detalhes sobre a construção metodológica. Para ele o trabalho etnográfico obtém valor científico quando os resultados podem ser obtidos por meio de observação direta.

Ao respaldar este estudo nas perspectivas de Malinowski, o intuito é compreender a etnografia nos moldes clássicos. Segundo ele, pode-se obter sucesso na aplicação sistemática de regras e princípios científicos:

Os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, é lógico, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência. (MALINOWSKI, 1978, p. 20)

Compreende-se, a partir da leitura da obra de Malinowski (1978), que o objetivo da pesquisa etnográfica em campo consistia em compreender a constituição tribal e os fenômenos culturais, a fim de delinear padrões e leis gerais. Dessa maneira, a pesquisa etnográfica extrai do fenômeno cultural observado regularidades relevantes, e elas podem ser captadas pelo pesquisador a fim de produzir material científico.

Eunice Durham (1978) analisa a obra de Malinowski, destacando os movimentos realizados pelo autor ao construir a etnografia pela vivência em campo. Para ela, a vivência fornece materiais para o pesquisador por meio das situações de pesquisa em meio à sociedade sob estudo. No decorrer da investigação, o pesquisador coleta material ao lançar sua visão particular sobre o objeto de pesquisa utilizando o método.

Malinowski proporcionou, assim, a articulação do objeto e método etnográfico. Durham (1978) expõe ainda que o marco de Malinowski consiste na descoberta da observação participante. Essa técnica propõe a interação entre observador e observado. Assim, é possível acompanhar o interlocutor ao apreender e observar seus costumes e crenças. A observação participante, portanto, consiste em participar da vida social do observado.

A partir dos trabalhos de Malinowski, instaurou-se a observação participante como uma exigência para o trabalho de campo em Antropologia. Conforme Durham (1978), é um processo de transformação do observador ao assimilar categorias do universo cultural estudado que necessitam ser ordenadas. Portanto, o próprio observador realiza um esforço ao tornar-se instrumento de sua pesquisa de campo por meio de

processos sistemáticos, como, por exemplo, aprender a língua falada por aqueles interlocutores. Essa transformação do pesquisador pode ser uma das maiores dificuldades enfrentadas, devido à necessidade de distanciar o lado pessoal de sua produção científica em campo.

Mariza Peirano (1995) aborda a discussão acerca da etnografia de maneira distinta, ao afirmar que, apesar de possuir tradições sólidas, a Antropologia dispõe de distintos estilos de pesquisa, que podem influenciar os resultados obtidos, bem como a personalidade do pesquisador. Sendo assim, “a experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sócio-histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram, no dia-a-dia” (PEIRANO, 1995, p. 22).

É necessário, portanto, um equilíbrio entre teoria e prática na pesquisa antropológica. Desse modo, não há prática sem fundamentação teórica e não há teoria sem o trabalho de campo, no qual a teoria é colocada à prova, comparando e buscando responder a questões formuladas pela teoria. Para além disso, Peirano (1995) afirma que a prática é essencial nas posições que o autor escolher em campo.

Uma boa etnografia, ainda de acordo com Peirano (1995), necessita ser rica em dados iniciais suficientes que possibilitem uma reanálise, descrevendo o método como sendo artesanal, microscópico e minucioso. Portanto, os dados coletados e as informações obtidas devem estar para além de afirmar um ponto de vista teórico, mas para indicar que “haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa” (PEIRANO, 1995, p. 52). Assim, a obra de um antropólogo não é linear, mas construída em determinado contexto a partir de peculiaridades biográficas, como a obra de Malinowski, em que o bom texto etnográfico é um experimento.

Finalmente, a próxima etapa a ser discutida é a etnografia virtual. Uma forma recente de análise de dados etnográficos, que explora o campo do ciberespaço. Inaugura, dessa forma, um tipo de prática e análise etnográficos ainda pouco explorados pelos pesquisadores da Antropologia.

Etnografia Virtual

Devido às transformações expostas, começam a surgir debates sobre as formas de produção do conhecimento que dialoguem com relações sociais do mundo contemporâneo (GUSMÃO, 2008), visto que a Antropologia tradicional, em seus primórdios, consagrou-se na classificação de

grupos considerados primitivos ou atrasados, tribais ou pré-modernos. A autora enfatiza, ainda, ser esse um campo de tensão dentro da disciplina. Por um lado, as trajetórias do antropólogo devem averiguar melhor as diferenças sociais, éticas e propor novas formas de compreender a realidade social. Por outro, torna-se insuficiente a tradição para compreender o contexto político das diferenças.

Tornou-se, portanto, traço distintivo da Antropologia seu caráter classificatório e também descritivo, já que essas eram características necessárias para se observar os povos em colonização nos séculos XIX e XX. Gusmão (2008, p. 50) aponta que, ao constituir-se, “o fazer antropológico, nessa medida, era o de submeter e colocar em submissão o outro e seu mundo, tendo por meta a civilização e a humanidade”. A Antropologia, como ciência, era outrora tida como descrição ou transformação do “mundo do outro”.

Mas o que precisa ser enfatizado atualmente é o jogo entre ciência e prática, que são alvo de constantes discussões. Ao constatar as transformações que ocorreram nas últimas décadas, é possível destacar também as transformações dentro do mercado de consumo, no qual a etnografia pode ser útil no intuito de compreender melhor a realidade dos sujeitos e do seu cotidiano. Esse método desperta interesse de profissionais da área do marketing, no que diz respeito à consultoria e pesquisa de mercado. Assim, a disciplina passa a ser vista como uma ferramenta para compreender mudanças sociais, políticas e culturais, conforme Magnani (2009). O autor discorre, ainda, como exemplo, acerca dos movimentos sociais urbanos, que tiveram início por volta de 1968. Devido à repressão do golpe militar, mudanças no cenário político e na habitação das cidades puderam ser notadas e, entre elas, a exigência por melhores condições de vida nesse novo cenário.

Posteriormente a essas mudanças que ocorreram em meados da década de 1970, os antropólogos passaram a ter problemas de ordem teórico-metodológicas, conforme Magnani (2009), visto que anteriormente as fronteiras por eles pesquisadas eram bem delimitadas. A Antropologia, então, passou a voltar seus olhares para atores sociais e suas práticas no contexto sociopolítico. No entanto, as novas utilizações da disciplina podem trazer uma banalização metodológica, que corresponde à utilização indevida do método etnográfico, por meio de uma postura intelectual inadequada ao utilizar as estratégias de pesquisa (MAGNANI, 2009).

Cabe à etnografia um novo olhar, de acordo com Magnani (2009), “*de perto e de dentro*” (grifo do autor), ou seja, olhar para os arranjos dos atores sociais (LATOUR, 2012). Esses atores correspondem ao poder público, corporações privadas, moradores, visitantes, equipamentos, entre

outros. Por meio das redes de interações, ocorrem trocas e conflitos. Conforme o autor, “esse resultado, sempre em processo, constitui, por sua vez, um repertório de possibilidades que, ou compõem o leque para novos arranjos ou, ao contrário, surgem como obstáculos. Cabe à etnografia captar esse duplo movimento” (MAGNANI, 2009, p. 133).

A tecnologia e seus aparatos, juntamente com a Antropologia, podem contribuir para compreender relações de troca, conflitos e interações que na última década passaram a ocorrer no meio virtual. Portanto, faz-se necessária uma abordagem para explorar a Internet e o ciberespaço como campo de pesquisa, a fim de entender nossas atitudes perante as mudanças tecnológicas, tais como aprendizagem, lazer, entre outras.

Portanto, a etnografia virtual corresponde a um método de analisar dados perante as mudanças tecnológicas, sendo indispensável tratar da distinção dos termos empregados para designar esse campo, que pode ter como sinônimo: “netnografia”, “etnografia digital”, “webnografia” e também “ciberantropologia”. Christine Hine (2000) é a principal responsável pela popularização do termo “etnografia virtual”. Outra variação de terminologia corresponde a “netnografia”, utilizado inicialmente durante os anos 90, sendo relacionado ao marketing e às comunidades de consumo online. Além disso, há outros termos utilizados que surgiram do flerte entre pesquisas acadêmicas e de mercado que, conforme Frago, Recuero e Amaral (2011), seriam meramente definições operatórias, tais como “etnografia digital” e “webnografia”. Segundo os autores, esses são neologismos que podem ser incorporados à ciberantropologia.

Hine (2000) é precursora nos estudos etnográficos sobre Internet, e busca compreender o *status* da Internet e o contexto do seu uso. Em “*Virtual Ethnography*”, publicado em 2000, a autora compreende a Internet por meio de dois vieses. No primeiro, ela é entendida como um lugar, ou ciberespaço, no qual a cultura é constituída. E no segundo, como artefato cultural, a Internet como um produto da cultura com objetivos e propriedades distintos conforme o contexto em que está inserido.

Em defesa do método da etnografia virtual, Hine afirma que ele pode ser eficiente para compreender os meios tecnológicos e as culturas concebidas pela Internet. E, por meio desse método, compreender também as complexas relações estabelecidas pelas tecnologias em diferentes esferas, além da Internet. Sendo assim, a etnografia realizada na Internet visa atender para detalhes, de acordo com Hine (2000). Dessa maneira, a autora enfatiza os usos e apropriações que os atores sociais realizam por meio da Internet, e que possuem diversos significados culturais. Não obstante, o surgimento de outra perspectiva destaca a Internet com o importante o papel na construção de práticas sociais e performances (POLIVANOV, 2013).

Ao apontar características do método e os graus de inserção do pesquisador durante a pesquisa, percebe-se que essa pode ocorrer de duas maneiras: o *lurker* e o *insider* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). O primeiro corresponde àquele pesquisador que se limita somente às observações do grupo, interferindo o mínimo possível nas práticas observadas, uma prática denominada *lurking*, que significa ‘ficar à espreita’. Tal prática seria característica do ciberespaço e, por meio dela, o ator não se manifesta, apenas dedicando-se à observação do comportamento dos outros (POLIVANOV, 2013, p. 64). Em oposição, está o pesquisador *insider*, técnica que diz respeito à proximidade do pesquisador com seus interlocutores.

Os principais problemas metodológicos da inserção do pesquisador correspondem ao informante conduzir a pesquisa de maneira confusa ou não relatar experiências reais, tendo em vista que as entrevistas e relatos precisam ser feitos com bastante atenção por parte do pesquisador, que deve manter um olhar crítico e afastado do objeto, com rigor ao sistematizar os dados coletados e descrições. Isso demanda atenção redobrada, pois publicar determinados relatos e experiências pode afetar a relação do pesquisador e informante. Além disso, o pesquisador *lurker* precisa entrar no grupo de alguma forma, sendo percebida sua presença em alguns momentos pelos interlocutores.

Por meio dessas duas maneiras de inserção do pesquisador, a etnografia virtual pode ser conduzida a partir de duas perspectivas. O distanciamento, realizado pelo *lurker*, que faz a observação das interações dos atores sociais no ciberespaço a partir de uma “observação não participante” – termo utilizado por Polivanov (2013) – em determinado ambiente virtual, em que o pesquisador coleta dados como textos, também imagens e *emoticons*, sem realizar interferência no meio. E o envolvimento, realizado pelo *insider*, em que a observação é participante e o pesquisador interage com seu interlocutor.

Essa última, de acordo com Polivanov (2013), afirma a mediação entre o pesquisador e o interlocutor. Mas dentro do ambiente virtual, essa relação tem características próprias, como por exemplo a gramática e a linguagem utilizadas em rede. Ao observar uma discussão ou um grupo na Internet, seja em um site ou rede social, o pesquisador deve estar atento para textos escritos, *emoticons*, imagens ou até mesmo *links* publicados, entre outros. Assim, a atenção do pesquisador da etnografia *online* se orienta para detalhes distintos daquela realizada de forma presencial.

A etnografia virtual, portanto, busca compreender o interlocutor do ciberespaço. Esse é o campo que promove a pesquisa em um meio de comunicação composto por máquinas, cenários, atores e programas. Seu modo de funcionamento se dá a partir de interpretação de dados, infor-

mações, reproduzidas por computadores e redes. De acordo com Lévy (1999), ocorre por meio da interconexão mundial de computadores, a Internet, que afirma que o ciberespaço corresponde a um dispositivo de comunicação interativa, à sociabilidade, organização, transação, por meio de um mercado da informação e conhecimento.

Dentro desse universo, a cibercultura exerce papel fundamental, já que propõe perspectivas inimagináveis anteriormente. Lévy (1999) afirma que corresponde, portanto, a um conjunto de técnicas de comunicação que se configuraria nessa forma de se relacionar com o outro. Assim, a interconexão de mensagens que ultrapassam distâncias configuram formas diversas de vinculação e circulação dos conteúdos. O ciberespaço e a cibercultura, portanto, são resultantes dessa reconfiguração social, e abrem portas para novos estilos de relacionamento.

Em suma, a partir de tais mudanças orquestradas na sociedade contemporânea pela cibercultura, convém aos etnógrafos adequar as técnicas de pesquisa para as distintas abordagens a serem realizadas, em que os mundos *online* e *offline* se fundem cada vez mais, nas diversas esferas da sociedade. Ambos os mundos colidem, sendo transformados por meio das interações. Faz-se necessário pensar tais perspectivas de mudanças por meio do olhar antropológico, ao surgir “a necessidade de repensar a ideia de agência e hibridismo, superando a dicotomia humano/não humano, especialmente no campo da chamada ‘comunicação mediada por computador’” (RIFIOTIS, 2016, p. 88).

É indispensável incorporar ao debate as perspectivas de Donna Haraway (2000); para ela, somos todos híbridos, teóricos e fabricados por meio de máquinas e organismos; segundo ela, somos “ciborgues”, isto é, um organismo cibernético, híbrido de máquina e ser biológico, que corresponde a uma criatura da realidade social e da ficção. A técnica utilizada pela etnografia virtual permite analisar esse contexto social a fim de compreender a conexão entre humanos, mediada por não humanos.

Não obstante, pesquisadores ortodoxos, defensores de métodos tradicionais *offline*, questionam os métodos propostos pela etnografia virtual. Questionam também o ciberespaço como lugar no qual o pesquisador e o pesquisado podem ter sua relação intermediada por máquinas. Para esses pesquisadores, uma etnografia “de fato” não poderia se dar no ciberespaço, uma vez que, para eles, faltam “o deslocamento, o estranhamento e o ‘ir a campo’ tão decisivos na formação do olhar interpretativo” (POLIVANOV, 2013, p. 65-66). Em oposição, autores já citados acima, inclusive Hine (2000), defendem que a etnografia realizada em um ambiente virtual é rica em significados:

Uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem. No entanto, assim como com todas as metodologias, mover a etnografia para um ambiente *online* tem envolvido algumas reexaminações do que a metodologia implica. (HINE, 2000, p. 21)

A etnografia virtual é importante para resolver problemas de pesquisa que estão relacionados à Internet, vista “como um espaço social no qual se pode legitimamente fazer pesquisa antropológica” (RIFITIS, 2016, p. 88), uma vez que as mídias passaram a protagonizar uma articulação de práticas, crenças, rituais e modos de estar no mundo.

No intuito de facilitar a compreensão acerca desse tipo de etnografia, a melhor forma é exemplificar como funciona o método com uma pesquisa já realizada. Bonilla e Rosa (2015) analisaram, no *Twitter*, a presença e expressão de uma *hashtag*. A *hashtag* que os autores optaram por pesquisar foi *#Ferguson*, devido ao tiroteio que matou o jovem negro nos EUA em 10 de Agosto de 2014, acontecimento divulgado por meio do *Twitter* e do jornalismo informal, gerando um grande protesto na rede social. Essa plataforma é destacada pelos autores como meio de engajamento político, na qual eles examinaram as formas de ativismo em rede. Assim, eles inauguram uma forma de fazer etnografia no meio virtual, inovando seus métodos de acordo com a temática de interesse, adaptando o método para redes sociais utilizadas nos dias de hoje.

Bonilla e Rosa (2015) afirmam que o *Twitter* corresponde a um “não lugar”, local transitório correspondente a uma instância do ciberespaço. Dessa maneira, os autores questionam: esse tipo de Antropologia seria fazer uma “Antropologia de poltrona” ou seria um passo em direção à Antropologia do século XXI, cada vez mais preocupada com as práticas digitais e seus fenômenos? Os autores constatam ainda que os antropólogos interessados nesses mundos sociais devem permanecer atentos para as possibilidades de pesquisa utilizando a “*hashtag* Etnografia”, preparando-se para ler e ir além das linhas digitais, visto que a *hashtag*, segundo eles, é uma janela que oferece a oportunidade para entender melhor o virtual, através dos *tweets* dos membros da rede social *Twitter* e seus verdadeiros engajamentos.

Os computadores, portanto, são utilizados para uma grande variedade de pesquisas. Pode-se citar o exemplo da Universidade de Londres, de acordo com Rieder e Röhle (2012), sobre as técnicas de análise textual empregadas para classificar suas estruturas. Os autores assinalam ainda como tais pesquisas facilitam trabalhar com grandes coleções multimídia:

A pesquisa baseada em software nos espaços digitais “nativos” da Web se expandiu a um ritmo impressionante e o grande volume de dados processados tornou-se bastante assustador. Embora o bem citado estudo de Adamic e Glance (2005) sobre a blogosfera política nos Estados Unidos em 2004 colheu continuamente 1.000 blogs, pesquisadores do *Orange Labs* na França (Prieur *et al.* 2008) examinaram todas as cinco milhões de contas de usuário público no *Flickr* em 2006 e um dos muitos estudos recentes no *Twitter* (Cha *et al.* 2010) analisaram as interações entre 54 milhões de perfis no serviço de *microblog*. Enquanto alguns desses projetos de pesquisa parecem mais intimamente aliados à física do que às humanidades em mentalidade e metodologia, é óbvio que eles representam novas possibilidades estudar a interação e a imaginação humanas em uma escala muito grande. (RIEDER; RÖHLE, 2012, p. 68)

As mídias digitais fornecem um oceano de dados para o etnógrafo realizar o trabalho de campo. Portanto, ao realizar a observação participante no meio virtual, a natureza da observação muda. E também as formas de construir um caderno de campo passam a ser mais tecnológicas, registrando eventos, interações e locais digitalmente. Assim, as observações participantes virtuais incluem interações em salas de bate papo, *e-mails*, mensagens, *sites*, entre outros. Contudo, esse tipo de observação consiste em observar textos e imagens por meio da tela do computador por meio da participação ativa em determinado grupo pesquisado, e na oportunidade de observar os grupos *online*, além de postar e participar nos mesmos.

Santos e Gomes (2013), em sua pesquisa, verificaram como os estudiosos da cibercultura estão se apropriando do método. Eles mapearam teses e dissertações do Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica – BDTD/IBICT. Dentre as obras, 35 trabalhos foram selecionados e foi feita novamente uma seleção na qual 7 foram selecionados para a análise da metodologia. Questões como, por exemplo, neologismos em relação a terminologias tradicionais foram destacadas, e apontam a necessidade de se adotar uma nomenclatura demarcada. Uma fragilidade da etnografia digital foi a falta de rigor com termos e consentimentos.

Os autores assinalam ainda que, em grande parte das pesquisas, o método está sendo aplicado às redes sociais, o que se infere por meio da expansão dessas mídias, devido à praticidade e ao seu grande número de integrantes. Os autores ressaltam que o tempo de imersão e participação do pesquisador influencia na validação da pesquisa. Outro ponto importante destacado pelos autores corresponde ao posicionamento que o pesquisador deve ter ao explicitar a forma de sua entrada em campo, se a observação é participante e se há interação com os grupos pesquisados.

Por fim, relatam também que as entrevistas são ferramentas bastante utilizadas, em grande parte semiestruturadas. No intuito de esclarecer questões específicas por meio das interações, certos cuidados e preocupações devem ser apresentados no fazer etnográfico, para não violar a intimidade e a privacidade dos interlocutores.

Conclusão

É possível concluir que as tecnologias digitais são portas para um universo na pesquisa antropológica. Para além de meros processadores de texto, os computadores e as informações armazenadas nas redes são dados para as pesquisas e, além disso, correspondem a um fenômeno social que emergiu na Era da Informação.

A etnografia virtual é, portanto, um método, uma ferramenta que pode ser muito útil para o antropólogo ao analisar textos *online*, imagens, sons entre outros dados e fenômenos do ciberespaço. Mas para tal, o método deve ser utilizado pelo pesquisador com certos cuidados, pois ele precisa adaptar-se a essa ferramenta, realizando uma análise mais crítica.

Assim, transformações são necessárias para que o pesquisador consiga compreender e analisar o que ocorre dentro desse universo digital e como se dão as relações mediadas por computador. Apesar de tal adaptação ser fundamental para a disciplina de Antropologia, foi possível notar que são diversos os obstáculos para a adesão ao método da etnografia virtual, visto que aqueles pesquisadores que defendem os métodos tradicionais assinalam as dificuldades em adentrar ao campo, e questionam também se esse seria realmente um campo a ser explorado pelo fazer etnográfico. No entanto, notou-se que, apesar de se distinguir do método clássico, a etnografia virtual propõe diversas maneiras de se estabelecer contatos com seus interlocutores na forma de *insiders* ou *lurkers*. Cabe ao pesquisador adaptar-se a partir do seu objeto e problemática.

O pesquisador precisa ainda atentar à ética, havendo uma preocupação com a intimidade e privacidade dos sujeitos, que precisam estar sempre em primeiro lugar em uma pesquisa de campo que envolve interlocutores. Nesse sentido, propõe-se encorajar a exploração aos pesquisadores que se interessam por pesquisas no campo digital das ciências humanas e sociais. Vale a pena enfrentar os desafios e as armadilhas metodológicas nesse campo, para que nasçam pesquisas que venham a contribuir para a proliferação e construção do conhecimento científico.

Referências

BONILLA, Yarimar; ROSA, Jonathan. #Ferguson: Digital protest, hashtag ethnography, and the racial politics of social media in the United States. *American Ethnologist*, Hoboken, NJ, v. 42, n. 1, p. 4-16, 2015.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLEMAN, Gabriela. Ethnographic approaches to digital media. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, CA, v. 29, p. 487-505, 2010.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A reconstituição da realidade*. São Paulo: Ática, 1978.

FARIAS, Lídia; MONTEIRO, Taís. A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona. In: *XIX Prêmio Expocom*, Chapecó, 2012. Disponível em: <intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1497-1.pdf> Acesso em: 24 nov. 2018.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Abordagens etnográficas. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 167-204.

GARCIA, Angela; STANDLEE, Alecea; BECHKOFF, Jenifer; CUI, Yan. Ethnographic approaches to the Internet and computer-mediated communication. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, CA, v. 38, n. 1, p. 52-84, 2008.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Internet, mídias sociais e as unidades de informação: Foco no ensino-aprendizagem. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 14-20, 2016.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Antropologia, estudos culturais e educação: desafios da modernidade. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 3, 2008.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, trad. Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: SAGE, 2000.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ática, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O mal-estar da ética na Antropologia Prática. In: CERES, Vítora; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (org.) *Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: Associação Brasileira de Antropologia e Editora da Universidade Federal Fluminense, 2014. p. 33-45.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esféras*, Brasília, v. 2, n. 3, p. 61-71, 2013.

RIEDER, Bernhard; RÖHLE, Theo. Digital methods: Five challenges. In: BERRY, David (ed.) *Understanding digital humanities*. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2012. p. 67-84.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Florianópolis, v. 31, n. 90, p. 85-98, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: Saberes e práticas. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008.

SABILIA, Paula. *O show do Eu: intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SANTOS, Flávia; GOMES, Suely. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. In: *Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Anais do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura*. Disponível em: <abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_I_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.